



Transformando
lugares para
transformar
vidas

IDENTIDADE LOCAL E MARKETING TERRITORIAL PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO E SOCIOECONOMICO DA ILHA DE PAQUETÁ

Patrícia Cerqueira Reis

Carlos Alberto Messeder Pereira



CATEGORIZAÇÃO DOS PÚBLICOS LOCAIS

A categorização dos públicos locais se deu em função da visibilidade e da representatividade destes públicos na dinâmica social e cultural da ilha. Esses públicos foram mapeados e identificados de acordo com o gráfico abaixo. No Anexo 2 encontra-se a listagem nominal e descritiva de cada grupo presente nas categorias abaixo.



REUNIÕES COM PODER PÚBLICO

Durante o desenvolvimento deste trabalho, realizamos duas reuniões de alinhamento do projeto com instâncias do governo municipal que nos pareciam ter um papel chave para a implementação dos resultados e propostas a que chegamos, expressos no plano de marketing territorial com foco em turismo elaborado ao final do projeto.

A principal questão que buscamos esclarecer, em ambos os encontros, foi que sem o comprometimento efetivo das autoridades municipais mais diretamente envolvidas seja com Paquetá, seja com a área temática do projeto, os resultados teriam grande dificuldade de implementação e viabilização, resultando em prejuízo não apenas para o projeto – considerando o investimento realizado pela FAPERJ, durante dois anos – mas também para o turismo local e, conseqüentemente, para a população da Ilha, principal beneficiária da implementação dos resultados propostos. Vale lembrar que a população tem enfrentado grande dificuldade de levar suas demandas às instâncias municipais competentes, apesar do empenho da administração e dos atores locais organizados.

A primeira reunião foi realizada com o Sr. Rodrigo Toledo, Subprefeito das Ilhas, no dia 9 de maio de 2025 e a segunda reunião foi realizada com a Sra. Daniela Maia, Secretária de Turismo da Prefeitura do Rio de Janeiro, no dia 16 de julho de 2025. Em ambas as reuniões, apresentamos as linhas gerais do projeto e solicitamos apoio institucional para o desenvolvimento das principais ações derivadas do Plano de Marketing Territorial. Entretanto, embora durante as reuniões a receptividade tenha sido muito positiva, após os encontros não foi dada continuidade, por parte dos agentes públicos, às demandas por nós apresentadas. Fizemos inúmeras tentativas de contato para dar sequência, todas sem sucesso.

Após a constatação da dificuldade de dar sequência a nossas demandas de apoio institucional, buscamos, em dezembro de 2025, com a intermediação da Administradora da Ilha, Kallina Figueiredo, marcar uma reunião de apresentação e sensibilização sobre o projeto com a Deputada Federal Laura Carneiro, madrinha política da administração da Ilha. Laura Carneiro tem um histórico de atuação na Ilha há várias décadas. Mais uma vez, infelizmente, depois de inúmeras tentativas, não tivemos sucesso nem com relação ao agendamento de uma reunião.

A Administração da Ilha sempre foi extremamente solícita a todas as nossas demandas e sempre demonstrou grande interesse pelo projeto e pela implementação de seus resultados e propostas. Entretanto, ela tem seu poder de atuação e decisão limitado e depende da cadeia de poder na qual está inserida.

Estes três desencontros evidenciam uma forte dificuldade de levar as demandas de Paquetá às autoridades competentes, ao contrário do que ocorre com outras regiões da cidade, que vêm sendo objeto de diversas iniciativas no sentido de melhorias de infraestrutura e segurança, especialmente.

Essa percepção parece evidenciar um aspecto importante a ser considerado pelos atores locais na busca de soluções para as dificuldades que o desenvolvimento da Ilha de Paquetá vem enfrentando. De acordo com nossa percepção, Paquetá não parece ser vista como um bairro da cidade e nem ter seu potencial turístico reconhecido pela Prefeitura, dificultando que a cidade usufrua de importante e singular ativo turístico de modo mais efetivo.

PESQUISA QUALITATIVA

Metodologia

O objetivo das entrevistas foi compreender de forma mais estruturada as relações e articulações existentes entre os variados grupos e lideranças locais, os projetos existentes, as formas de atuação e promoção, assim como a percepção sobre a ilha e os projetos atuais. Selecionamos representantes de associações, idealizadores e gestores de projetos sociais e culturais, responsáveis pela divulgação de fatos ou eventos referentes à ilha, além de figuras públicas de destaque no cotidiano da ilha.

Realizamos uma pesquisa etnográfica, com entrevistas em profundidade, realizadas na Ilha de Paquetá. A seleção dos participantes se deu de forma intencional a partir da Categorização dos Públicos Locais apresentada anteriormente. Foram realizadas 13 entrevistas com duração média de 1h30. As entrevistas seguiram roteiro pré-estabelecido que foi adaptado de acordo com o perfil do entrevistado. As entrevistas foram gravadas e transcritas e sua divulgação previamente autorizada pelos entrevistados.

Os conteúdos foram submetidos a análise temática e categorial, com apoio de inteligência artificial na organização preliminar das falas, seguida de revisão e interpretação pelos pesquisadores, buscando organizar as falas nas seguintes categorias: Dinâmica Social da Ilha; Sociedade e Trabalho; Negócios Locais; Dinâmica da Política Local; Lideranças Locais; Drogas e Criminalidade; Favelização; Dinâmica Turística; Projetos e Eventos; Territorialidade e Pertencimento; Patrimônio e Memória; e Identidade do Lugar.

Entrevistados

No	Nome	Representação	Data
1	Ademir Conceição de Moraes	Empreendedor, proprietário de inúmeros imóveis, do Carecas e Frescos (mercado e padaria) e da loja de material de construção	22/1/2025
2	Guto Pires	Presidente da Morena (associação de moradores da Ilha de Paquetá)	22/1/2025
3	Sergio Casado	Morador antigo da ilha e cabeleireiro autônomo	26/1/2025
4	Neusa Matos	Gestora cultural e divulgadora do Museu das Comunicações (espaço cultural)	27/2/2025
5	Conrado Moraes	Proprietário da Pousada Acordes ao Luar (a maior da ilha)	27/2/2025
6	Ana Paula Salgado	Proprietária do hotel, restaurante e pastelaria Lido. Tesoureira do Polo de Turismo	21/3/2025
7	Lucimar Medeiros de Melo	Advogada e Presidente do Conselho Comunitário de Segurança	21/3/2025
8	Mauro Nunes	Dirigente da Charretur (charretes elétricas)	21/3/2025

No	Nome	Representação	Data
9	Ana Claudia Baptista Casado	Educadora física e gestora de Ponto de Cultura	22/3/2025
10	Kallina Figueiredo	Administradora Local (vinculada a Subprefeitura Municipal das Ilhas)	26/3/2025
11	Adélia Lira	Criadora do perfil Cariocando em Paquetá, no Facebook e no Instagram	6/7/2025
12	Júlia Coutinho e Lais Gumier	Criadoras do Museu Ser Paquetaense – Museu Virtual	28/10/2025
13	Liliane Ferreira Mundim	Projeto Cantareira	21/01/2026

Análise das entrevistas

As falas das entrevistas foram agrupadas pelas categorias que surgiram durante as entrevistas e para cada uma apresentamos uma síntese do que foi apresentado pelos entrevistados e o que consideramos como possíveis encaminhamentos.

Dinâmica Social da Ilha

As entrevistas revelam uma **vida social intensa, formada por múltiplas redes comunitárias, empresariais, culturais, religiosas, territoriais e de serviços**. Essas redes funcionam principalmente por relações pessoais, indicações, grupos de mensagens, participação voluntária, conhecimento entre moradores e mobilizações em torno de problemas concretos. Há cooperação entre negócios, apoio comunitário em situações emergenciais, organização de festas e projetos culturais e circulação espontânea de informações, histórias e memórias.

Ao mesmo tempo, é recorrente a percepção de que **os grupos atuam de forma fragmentada e pouco articulada entre si**. A cooperação tende a ocorrer dentro de círculos específicos ou diante de demandas imediatas, sem se transformar em uma agenda coletiva permanente. Disputas por reconhecimento, protagonismo, recursos e representação convivem com diferenças políticas, sociais e geracionais. Também aparecem tensões entre moradores antigos e recém-chegados, entre grupos populares e segmentos de maior renda e entre os que priorizam o sossego residencial e os que defendem maior realização de eventos e exploração turística.

Apesar das avaliações mais críticas sobre desunião e formação de “guetos”, outras experiências demonstram a existência de **formas abertas, colaborativas e intergeracionais de participação**. Coletivos culturais de adesão flexível, projetos de memória construídos com contribuições dos moradores, redes de divulgação que procuram manter neutralidade e relações de cooperação entre empreendedores mostram que a fragmentação não impede completamente a ação conjunta. A mobilização se mostra mais efetiva quando há um objetivo claro, benefícios reconhecidos e espaço para diferentes grupos participarem.

Encaminhamento propositivo: A análise indica a conveniência de uma instância permanente e plural de articulação, orientada por pautas concretas e conduzida de forma a reduzir disputas de protagonismo e ampliar a circulação de informações entre os diferentes grupos.

Sociedade e Trabalho

A estrutura de trabalho em Paquetá é marcada por **baixa oferta de empregos locais, forte dependência do turismo, sazonalidade e informalidade**. Hospedagem, alimentação, comércio, transporte e serviços turísticos concentram as principais oportunidades, enquanto parte expressiva dos moradores se desloca para trabalhar no continente. Também são frequentes a combinação de mais de uma atividade profissional, os vínculos temporários e o trabalho familiar nos negócios.

A falta de mão de obra qualificada aparece simultaneamente como consequência e causa da fragilidade econômica. Alguns empreendimentos treinam diretamente seus trabalhadores ou recorrem a redes familiares e migratórias para preencher vagas. Cursos de capacitação já foram oferecidos, especialmente nas áreas de atendimento, idiomas, marketing e serviços de hospedagem, mas os relatos apontam **adesão inferior à esperada**, seja por falta de tempo, desinteresse, dificuldade de acesso ou percepção de que determinadas iniciativas não se destinam a todos.

O trabalho cultural e comunitário ocupa posição importante, embora permaneça **predominantemente voluntário, descontínuo e dependente de editais, doações e contribuições pessoais**. Essas atividades geram formação, preservação da memória, ocupação dos espaços públicos e atratividade turística, mas raramente se consolidam como empregos permanentes. Em paralelo, surgem competências ligadas à comunicação digital, ao audiovisual, à pesquisa, à ciência, ao ecoturismo e ao turismo de base comunitária, revelando a presença de pessoas qualificadas e novas possibilidades profissionais ainda pouco integradas à economia local.

Alguns relatos destacam ainda o envelhecimento da população, a saída de jovens e a dificuldade de sucessão de negócios, instituições e projetos. A dependência das barcas e a necessidade de buscar serviços especializados e produtos no continente afetam tanto a rotina de trabalho quanto a permanência de moradores, especialmente os mais idosos.

Encaminhamento propositivo: O quadro sugere articular qualificação, formalização, sucessão e diversificação das ocupações, reconhecendo também o valor econômico e social produzido pelo trabalho cultural e comunitário.

Negócios Locais

Os negócios locais formam um **ecossistema fortemente vinculado ao turismo**, composto por pousadas, restaurantes, bares, comércio, transportes, artesanato, produção cultural, serviços e atividades informais. Predominam empreendimentos familiares ou conduzidos diretamente pelos proprietários, alguns com longa trajetória e forte vínculo com a história econômica da Ilha.

Existe cooperação prática entre os estabelecimentos, principalmente por meio de indicações, encaminhamento de clientes quando um negócio está lotado, divulgação cruzada e parcerias entre

hospedagem, alimentação e transporte. Essa colaboração, contudo, permanece majoritariamente informal e não configura uma cadeia empresarial plenamente integrada. Associações e grupos setoriais possuem capacidade de articulação, mas apresentam participação irregular e influência desigual entre os diferentes tipos e portes de negócio.

Os principais obstáculos mencionados são **sazonalidade, dependência do clima e dos fins de semana, informalidade, documentação incompleta, baixa qualificação e fiscalização percebida como desigual**. A ausência de regulamentação clara em alguns serviços, especialmente no transporte interno, gera concorrência, conflitos e insegurança para os operadores formalizados. As deficiências de infraestrutura — ruas, banheiros, sinalização, iluminação, transporte e conservação — também interferem diretamente na capacidade de atendimento e no faturamento.

Há divergências sobre o valor econômico dos diferentes visitantes. Parte dos relatos associa o turista popular de um dia a menor gasto e maior pressão sobre a infraestrutura. Outros ressaltam que esse público mantém a Ilha movimentada, compra produtos básicos e pode consumir mais quando encontra serviços acessíveis e adequados. Comparativamente, as entrevistas indicam que **o problema não está apenas no poder aquisitivo do visitante, mas na insuficiência de estrutura, informação e produtos adaptados aos diferentes perfis**.

A comunicação digital já desempenha papel relevante ao divulgar estabelecimentos, informar sobre serviços e conduzir visitantes a áreas menos conhecidas. Também são apontadas oportunidades em produtos de origem local, gastronomia, artesanato, memória, cultura e experiências territoriais, embora existam dificuldades de escala, distribuição e continuidade.

Encaminhamento propositivo: O fortalecimento dos negócios depende de maior integração entre os setores, regularização progressiva, promoção compartilhada e desenvolvimento de produtos e experiências capazes de ampliar a permanência e o consumo durante a baixa temporada.

Dinâmica da Política Local

Há ampla convergência sobre a **fragmentação das responsabilidades públicas e a reduzida autonomia da Administração local**. Demandas relacionadas a conservação, iluminação, transporte, turismo, cultura, fiscalização, saneamento e mobilidade dependem de órgãos distintos, da Subprefeitura das Ilhas, de secretarias municipais e de concessionárias. Essa estrutura torna os encaminhamentos lentos e dificulta identificar com clareza quem é responsável por cada problema.

A incorporação de Paquetá à Subprefeitura das Ilhas é percebida por muitos como uma perda de capacidade decisória, pois a Ilha passa a disputar atenção e recursos com territórios maiores. A atuação pública, entretanto, não é descrita como inteiramente ausente. Alguns serviços apresentam continuidade, e há reconhecimento de respostas positivas em situações pontuais, especialmente quando ocorre articulação direta entre Administração, Subprefeitura, Guarda Municipal, concessionárias e representantes locais. O problema central é a **descontinuidade e a ausência de planejamento integrado**, mais do que a inexistência absoluta de ações.

Nomeações políticas, mudanças frequentes de gestores, relações pessoais com autoridades e acessos desiguais ao poder público reforçam a percepção de que as soluções dependem mais de contatos do que de procedimentos estáveis. Também aparecem divergências sobre o papel da fiscalização e do ordenamento: enquanto alguns defendem aplicação mais rigorosa das normas, outros priorizam negociação e diálogo, especialmente em atividades culturais, comércio informal e eventos.

Associações, conselhos, coletivos, grupos empresariais e canais de comunicação procuram preencher as lacunas institucionais. As entrevistas registram conquistas quando a mobilização se concentra em **pautas concretas**, como transporte aquaviário, abastecimento e manutenção. Entretanto, polarização política, personalismo, disputas por visibilidade e baixa continuidade das articulações dificultam a construção de uma agenda de longo prazo.

Encaminhamento propositivo: Os relatos sustentam a criação de uma governança intersetorial com responsabilidades explícitas, participação plural, registro das decisões e acompanhamento público das demandas e compromissos assumidos.

Lideranças Locais

As entrevistas não confirmam a ausência de lideranças. Ao contrário, identificam **lideranças comunitárias, empresariais, culturais, religiosas, territoriais, administrativas, de serviços e de comunicação**. Sua legitimidade decorre de fontes distintas: representação formal, trajetória no território, capacidade de mobilização, conhecimento técnico, proximidade com os moradores, entrega de resultados, atuação voluntária ou alcance nas redes digitais.

A avaliação dessas lideranças varia significativamente entre os entrevistados. Uma mesma pessoa ou instituição pode ser reconhecida como agregadora por alguns e considerada centralizadora ou pouco representativa por outros. Essa divergência demonstra que **a legitimidade é segmentada**, vinculada a grupos, territórios e campos de atuação específicos, e não necessariamente compartilhada pelo conjunto da Ilha.

Nas comunidades populares aparecem mais frequentemente pontos de contato e pessoas de confiança do que lideranças formalmente constituídas. Essas referências ajudam na comunicação e na mobilização, mas nem sempre possuem estrutura institucional ou reconhecimento externo. Também há lideranças comunicacionais cuja influência decorre da capacidade de difundir informações e conectar empreendedores, organizadores, visitantes e órgãos públicos, sem mandato associativo ou político.

Os principais limites são o personalismo, as disputas por reconhecimento, a competição por recursos e a concentração de projetos em poucas figuras. A idade avançada de responsáveis por algumas instituições e a inexistência de sucessores colocam em risco a continuidade de acervos, equipamentos e iniciativas. Como contraponto, os relatos apresentam experiências de **liderança distribuída**, nas quais diferentes participantes assumem funções conforme suas competências e disponibilidade, sem dependência absoluta de uma única pessoa.

As entrevistas revelam um mosaico de lideranças multifacetadas e frequentemente conflitantes. Convivem na ilha:

- **Lideranças institucionais** – que buscam legitimidade em normas, atas e participação, mas sofrem com a rotatividade de cargos políticos, a fragilidade de conselhos e a limitação orçamentária.
- **Lideranças empresariais e turísticas** – que moldam narrativas sobre desenvolvimento, porém competem por protagonismo, gerando centralização ou rivalidade.
- **Lideranças carismáticas populares** – que atuam em festas religiosas, comunidades e serviços, sendo reconhecidos pela proximidade afetiva e pela capacidade de mediação no cotidiano.
- **Lideranças patrimoniais** – cuja autoridade repousa em capital histórico, mas que correm risco de descontinuidade por falta de sucessão.

Encaminhamento propositivo: A articulação futura deve reconhecer a diversidade das lideranças, incluir referências territoriais menos formalizadas e estimular a coordenação compartilhada, transparência e preparação de sucessores.

Drogas e Criminalidade

A percepção predominante é de que **Paquetá apresenta níveis de violência inferiores aos observados em outras partes da cidade**. A condição insular, o conhecimento entre os moradores, a limitação das rotas de entrada e saída e a rápida identificação de pessoas desconhecidas são apontados como fatores que dificultam a instalação de estruturas criminosas de maior porte e facilitam intervenções policiais.

Isso não significa ausência de problemas. Os relatos mencionam pequenos pontos de venda de drogas, furtos, episódios de violência doméstica, atividades irregulares e prisões pontuais. Também aparecem referências a tentativas de extorsão, possíveis vínculos políticos externos e rumores sobre milícias. Contudo, **as falas são divergentes e não fornecem evidências suficientes para confirmar atuação estruturada de milícia, facção ou comando territorial permanente na ilha**.

Parte dos entrevistados considera drogas e criminalidade questões secundárias diante de outros problemas urbanos. Outros demonstram maior preocupação com o risco de crescimento do tráfico, a vulnerabilidade de jovens e a aproximação entre informalidade, ocupação irregular e transações ilícitas. A comparação das falas mostra que a ausência de dados públicos consolidados e a avaliação controversa das instâncias de segurança favorecem interpretações distintas, rumores e subnotificação.

As comunidades populares não são apresentadas de forma consensual como territórios perigosos. Alguns relatos rejeitam expressamente essa associação e destacam redes de vizinhança, referências comunitárias e ações de melhoria realizadas pelos próprios moradores. A vinculação automática entre pobreza, ocupação urbana e criminalidade aparece, portanto, como uma simplificação não sustentada pelo conjunto das entrevistas.

Encaminhamento propositivo: O enfrentamento deve combinar dados confiáveis, canais de denúncia, prevenção junto aos jovens e articulação entre segurança, escolas, cultura, associações e poder público, evitando a estigmatização territorial.

Favelização

As entrevistas associam o crescimento das ocupações precárias a um processo histórico de **adensamento urbano sem planejamento**, que inclui subdivisão de terrenos e imóveis, construção sobre lajes, transformação de antigas residências em habitações coletivas, ocupação de morros e áreas ambientalmente sensíveis e entrada irregular de materiais de construção. Os problemas mais mencionados são saneamento insuficiente, risco geológico, insegurança fundiária, desmatamento e ausência de fiscalização continuada.

Não existe consenso sobre as causas. Parte dos relatos relaciona a expansão à gratuidade das barcas e à chegada de novos moradores. Outros rejeitam essa explicação e atribuem o fenômeno ao déficit habitacional metropolitano, à inexistência de alternativas de moradia, às redes familiares de migração e à omissão histórica do poder público. Comparativamente, **a gratuidade do transporte não se sustenta como causa única ou suficientemente comprovada**.

Também há divergência quanto à conversão de imóveis em moradias de maior densidade. Para alguns, essa transformação ajuda a manter edificações ocupadas e gera renda; para outros, provoca descaracterização, precarização e aumento da pressão sobre os serviços. O silêncio ou a abordagem superficial do tema por parte de alguns segmentos empresariais também indica distanciamento entre as narrativas do turismo formal e a realidade das áreas populares.

Os relatos destacam que essas comunidades possuem redes de vizinhança, pessoas de referência e capacidade de mobilização, embora apresentem pouca representação formal e receio de exposição devido à insegurança fundiária. Também enfatizam que a ocupação **precária não equivale automaticamente à criminalidade**, e que a estigmatização dificulta o diálogo e a inclusão desses moradores nas decisões sobre a Ilha.

Encaminhamento propositivo: O fenômeno requer diagnóstico territorial, políticas habitacionais, saneamento, redução de riscos, regularização tecnicamente criteriosa e participação direta dos moradores das áreas afetadas.

Dinâmica Turística

O turismo é reconhecido como **principal atividade econômica e elemento estruturante da imagem de Paquetá**. A Ilha atrai visitantes por sua tranquilidade, natureza, segurança percebida, história, memória afetiva, ambiente familiar e possibilidade de viver uma experiência distinta do restante da cidade. Os fluxos, porém, permanecem fortemente concentrados nos fins de semana, no verão, nas férias e nos dias de sol.

As entrevistas identificam diversos públicos: visitantes populares de um dia, hóspedes de fins de semana, famílias, idosos, grupos escolares, esportistas, visitantes culturais, estrangeiros e pessoas que retornam motivadas pelas lembranças da infância. Esses segmentos cumprem funções econômicas diferentes. O visitante de um dia garante volume, visibilidade e consumo de produtos básicos; o hóspede movimenta

pousadas, restaurantes e passeios; os públicos cultural e esportivo contribuem para a baixa temporada e podem ampliar o tempo de permanência.

Há divergência na avaliação do turista popular. Parte dos relatos enfatiza baixo gasto, resíduos, uso intenso das praias e pressão sobre os serviços. Outros apontam que levar alimentos é compatível com um passeio familiar de baixo custo e que esse visitante também consome quando encontra preços, banheiros, chuveiros, quiosques e serviços adequados. A análise comparativa indica que **muitos impactos atribuídos ao perfil socioeconômico do visitante decorrem, na realidade, da insuficiência de infraestrutura, ordenamento e capacidade de recepção.**

Também é recorrente a distinção entre turismo regular e fluxos de grande escala. Blocos e eventos com milhares de participantes são considerados problemáticos quando ultrapassam a capacidade das barcas, dos banheiros, da limpeza, da segurança e do atendimento emergencial. O risco de um turismo predatório está, portanto, mais relacionado à **desproporção entre volume e capacidade territorial** do que à origem social do público.

Os principais gargalos são horários e capacidade das barcas, ausência de receptivo, banheiros, sinalização, conservação da orla e das ruas, organização do transporte interno, divulgação dispersa e oferta limitada em determinados segmentos de hospedagem e alimentação. As mídias digitais já ajudam a apresentar serviços, manter vínculos afetivos, distribuir visitantes por diferentes áreas e divulgar a programação.

Encaminhamento propositivo: A estratégia turística deve trabalhar os diferentes segmentos de forma complementar, ampliar a permanência e a baixa temporada e definir parâmetros de capacidade, infraestrutura e ordenamento compatíveis com a preservação do sossego e da vida local.

Projetos e Eventos

Paquetá apresenta **grande diversidade de projetos e eventos culturais, religiosos, esportivos, turísticos, educativos e comunitários.** Festas tradicionais, autos, procissões, manifestações carnavalescas, atividades literárias, música, teatro, esporte, projetos de memória e ações ambientais demonstram uma produção local contínua, mesmo quando há pouca visibilidade ou financiamento.

Grande parte dessas iniciativas depende de voluntariado, contribuições pessoais, doações, editais temporários ou apoio eventual de instituições. Essa estrutura permite criatividade e autonomia, mas também gera sobrecarga, instabilidade e dificuldade de planejamento. Muitos projetos perdem força quando seus principais responsáveis se afastam, quando termina o financiamento ou quando ocorre mudança de gestão pública. A continuidade se mostra especialmente vulnerável nos casos em que **conhecimento, contatos e decisões ficam concentrados em poucas pessoas.**

As entrevistas também apontam sobreposição de datas, divulgação tardia, circulação de informações apenas dentro de determinados grupos e baixa coordenação entre organizadores. A realização simultânea de atividades divide público, comerciantes, barraqueiros e estruturas de apoio. A burocracia para autorizações, a limitação das barcas, a falta de banheiros e a insuficiência do atendimento emergencial afetam particularmente os eventos de maior porte.

Há divergências sobre o modelo desejável. Alguns valorizam eventos capazes de atrair grande público e gerar movimento econômico. Outros defendem ações menores, contínuas, educativas e integradas ao cotidiano. Parte das disputas decorre justamente de diferentes concepções sobre cultura, comércio, tradição, acesso público e impacto territorial. Apesar disso, experiências abertas e colaborativas demonstram capacidade de mobilização, adaptação e ocupação qualificada dos espaços da Ilha.

A comunicação digital já funciona como agenda informal, reunindo atividades e conectando organizadores ao transporte. Os novos projetos de memória acrescentam a possibilidade de registrar os próprios eventos, evitando que fotografias, vídeos, figurinos e narrativas permaneçam dispersos ou se percam.

Encaminhamento propositivo: A continuidade exige calendário compartilhado, comunicação antecipada, critérios adequados à escala de cada evento, registro dos acervos, diversificação de financiamento e divisão clara de responsabilidades.

Patrimônio e Memória

As entrevistas apresentam o patrimônio de Paquetá como uma combinação de **bens materiais, paisagem, práticas culturais e memórias afetivas**. Casarões, museus, igrejas, parques, cemitérios, obras artísticas e espaços públicos são inseparáveis das festas, lendas, personagens, religiosidade, música, gastronomia, brincadeiras de infância, formas de transporte e relações de vizinhança que lhes atribuem significado.

Há convergência sobre a conservação irregular dos bens e sobre a dificuldade de transformar reconhecimento histórico em cuidado permanente. Falta de manutenção, sinalização, mediação, acesso e uso adequado reduz a capacidade dos espaços de transmitir sua importância a moradores e visitantes. Em alguns casos, o patrimônio também é afetado por ocupações, usos incompatíveis e intervenções urbanas sem continuidade.

Outro ponto recorrente é a **fragilidade da sucessão institucional e da guarda dos acervos**. Museus, arquivos, coleções e projetos dependem de pessoas envelhecidas ou de pequenos grupos, sem garantia de continuidade. Fotografias, vídeos, documentos, figurinos e registros de manifestações culturais encontram-se dispersos, enquanto trabalhos produzidos localmente nem sempre recebem reconhecimento ou crédito adequado.

As falas apresentam duas concepções complementares. Uma valoriza a preservação de edifícios, objetos, obras e documentos. A outra entende a memória como prática viva, atualizada por festas, cortejos, narrativas orais e novas criações inspiradas na história local. Os projetos culturais e o Museu Virtual reforçam que **a comunidade não apenas conserva memória: ela também a produz, interpreta e transmite**.

O registro de diferentes versões sobre personagens, acontecimentos e lugares amplia a compreensão do patrimônio, evitando uma narrativa única e exclusivamente institucional. A memória oral permite incluir experiências de moradores que acompanharam transformações sociais, ambientais e culturais ao longo de décadas.

Encaminhamento propositivo: A salvaguarda requer uma rede capaz de inventariar, digitalizar e compartilhar acervos, registrar histórias orais, preparar sucessores e integrar preservação, educação e turismo cultural.

Territorialidade e Pertencimento

As entrevistas demonstram que o pertencimento a Paquetá assume **formas múltiplas e não se limita ao nascimento ou à residência permanente**. Ele pode decorrer de vínculos familiares de várias gerações, da escolha de morar na Ilha, da presença sazonal, do trabalho, da participação cultural, do cuidado com o espaço, da atuação associativa ou da manutenção de relações constantes com o território.

A distinção entre moradores antigos, novos moradores, veranistas e visitantes aparece com frequência, mas seus limites são pouco rígidos. Há pessoas que vivem fora e participam intensamente da vida local, assim como residentes permanentes pouco envolvidos nas ações coletivas. Comparativamente, as falas indicam que **a legitimidade territorial é construída tanto pela trajetória quanto pela participação e pela contribuição efetiva para a Ilha**.

Persistem disputas sobre quem pode falar por Paquetá e quais usos do território devem prevalecer. O confronto entre preservação do sossego e dependência econômica do turismo é um dos principais exemplos. Também surgem tensões entre grupos populares e segmentos de maior renda, moradores das áreas formais e das ocupações precárias, frequentadores antigos e recém-chegados com novas práticas culturais e econômicas.

O pertencimento se manifesta em ações concretas: pagamento de contribuições associativas, participação em mutirões, organização de festas, manutenção de negócios familiares, trabalho voluntário, cobrança de serviços públicos, produção de narrativas, acompanhamento digital do cotidiano e transmissão das histórias locais. Parte dessa participação é muito visível; outra ocorre por meio de uma **base silenciosa de apoio e confiança**, que se mobiliza apenas diante de determinadas pautas.

As experiências colaborativas mostram que antigos e novos moradores podem atuar conjuntamente quando há escuta, respeito e reconhecimento mútuo. A memória, as festas, os projetos culturais e as redes de comunicação funcionam como espaços de construção territorial compartilhada.

Encaminhamento propositivo: A governança da Ilha deve reconhecer essas diferentes formas de pertencimento e criar condições para que afeto, presença e participação sejam convertidos em corresponsabilidade pelo território.

Identidade do Lugar

Apesar das diferenças de perspectiva, as entrevistas apresentam forte convergência em torno de uma identidade associada à **tranquilidade, bucolismo, segurança cotidiana, natureza, história, memória afetiva, vida familiar, acolhimento e ritmo próprio**. A liberdade de circular pelas ruas, a infância vivida nos espaços

públicos, a proximidade entre as pessoas e a sensação de refúgio diante da cidade aparecem como experiências centrais.

A identidade também se apoia no patrimônio cultural e artístico, nas festas, na religiosidade, nos personagens locais, nas lendas, nos museus, na gastronomia e nos modos tradicionais de receber e conduzir visitantes. O turismo integra essa identidade, mas não a esgota: Paquetá é percebida simultaneamente como lugar de moradia, memória, convivência, trabalho e experiência turística.

As falas não sustentam uma identidade única ou homogênea. Existem diferentes “Paquetás”, relacionadas a trajetórias familiares, territórios, classes sociais, gerações, formas de morar e maneiras de participar da vida local. As narrativas de antigos moradores convivem com as experiências de pessoas que escolheram a Ilha mais recentemente. Os projetos de memória reforçam que **versões distintas sobre o mesmo lugar ou acontecimento podem coexistir e ampliar a compreensão da identidade local.**

Também há tensão entre tradição e transformação. A adaptação das antigas charretes, a criação contemporânea de manifestações culturais, o uso das redes digitais e os novos projetos de turismo mostram que preservar não significa congelar a Ilha. A identidade permanece viva quando seus elementos são atualizados sem eliminar os valores que sustentam o reconhecimento do lugar.

Parte dos atores comunica uma imagem deliberadamente positiva da Ilha, enfatizando beleza, segurança e tranquilidade. Outros questionam a idealização de Paquetá como paraíso e destacam abandono, infraestrutura precária, crescimento desordenado e conflitos. Essas posições não são necessariamente incompatíveis: revelam a distância entre **a força simbólica da identidade e as condições concretas necessárias para preservá-la.**

Encaminhamento propositivo: A narrativa territorial deve organizar esses elementos comuns sem apagar diferenças ou problemas, apresentando Paquetá como patrimônio vivo, plural e capaz de atualizar suas tradições preservando seu ritmo, sua memória e seus vínculos comunitários.

Fontes Primárias — Entrevistas

CASADO, Ana Claudia Baptista. Educadora física e gestora de Ponto de Cultura. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 22 mar. 2025. Entrevista em profundidade.

CASADO, Sergio. Morador antigo da Ilha de Paquetá e cabeleireiro autônomo. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 26 jan. 2025. Entrevista em profundidade.

MORAES, Conrado. Proprietário da Pousada Acordes ao Luar. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 27 fev. 2025. Entrevista em profundidade.

FIGUEIREDO, Kallina. Administradora local de Paquetá. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 26 mar. 2025. Entrevista em profundidade.

GUTO PIRES. Presidente da Associação de Moradores da Ilha de Paquetá – MORENA. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 22 jan. 2025. Entrevista em profundidade.

COUTINHO, Júlia e GUMIER, Lais. Criadoras do Museu Virtual de Memórias Paquetaenses. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 28 out. 2025. Entrevista em profundidade.

MATOS, Neusa. Gestora cultural e divulgadora do Museu das Comunicações. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 27 fev. 2025. Entrevista em profundidade.

MELO, Lucimar Medeiros de. Advogada e presidente do Conselho Comunitário de Segurança de Paquetá. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 21 mar. 2025. Entrevista em profundidade.

MORAES, Ademir Conceição de. Empreendedor local. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 22 jan. 2025. Entrevista em profundidade.

MUNDIM, Liliane Ferreira. Integrante do Projeto Cantareira. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 21 jan. 2026. Entrevista em profundidade.

LIRA, Adélia. Criadora do perfil Cariocando em Paquetá. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 6 jul. 2025. Entrevista em profundidade.

SALGADO, Ana Paula. Empresária do Hotel, Restaurante e Pastelaria Lido e tesoureira do Polo de Turismo. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 21 mar. 2025. Entrevista em profundidade.

NUNES, Mauro. Dirigente da Charretur. Entrevista concedida a Patrícia Cerqueira Reis e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, 21 mar. 2025. Entrevista em profundidade.